

A sexualidade invisível

Porque pensar sobre diferentes tipos de atração e a possibilidade de ausência de atração sexual é necessário

VICTÓRIA VISCHI DA CRUZ

Atração sexual é muitas vezes considerada um fato da realidade humana. Ninguém costuma apresentar a possibilidade da ausência de atração sexual. Assim, a assexualidade passa despercebida para a maioria das pessoas.

"A nossa invisibilidade é muito maior do que a dos outros grupos, também por causa de uma certa estigmatização que é a questão do sexo espantoso; sexo é vida, sexo é saúde" explicou Cláudia Cruz Machado, 24, que se define como assexual (ace), uma pessoa que não sente atração sexual, e aromântica (aro), que não sente atração romântica.

"A ideia de que podem existir pessoas que não sentem atração sexual por outras e que não incorporam a prática sexual no seu repertório íntimo é considerada estranha ou impossível" explica Rita Alcaire, da Universidade de Coimbra em Portugal, cuja tese de doutorado foi "A Revolução Assexual: discutindo os direitos humanos pela lente da assexualidade em Portugal".

Parte das pessoas reluta em aceitar a assexualidade como uma orientação sexual. "Ser considerada uma orientação sexual de pleno direito, ao lado de outras que lutam pelo reconhecimento da sua atração por pessoas do mesmo sexo ou por pessoas de sexos/gêneros diferentes, simultaneamente, é

difícil de aceitar. Especialmente quando aquilo que as pessoas assexuais pedem é reconhecimento, visibilidade e aceitação (e não reivindicações legais expressas)" complementa Alcaire.

A assexualidade é compreendida como um espectro ou termo guarda-chuva, por englobar um conjunto de orientações sexuais. Essas orientações sob o guarda-chuva assexual são a demisssexualidade, referente a pessoas que apenas sentem atração sexual por pessoas com as quais já formaram uma ligação emocional; gray-assexual, que se identificam com um espaço intermediário entre a alosexualidade (alo) - pessoas que sentem atração sexual - e a assexualidade, pessoas que não sentem atração sexual.

SE DESCOBRINDO ASSEXUAL - Sendo a sociedade heteronormativa, toda pessoa que foge desse perfil, passa por uma experiência diferente de entendimento pessoal. Nesse sentido, a invisibilidade da assexualidade se apresenta como mais uma barreira para a identificação das pessoas com o termo. Como explica Ana Cristina Guerra, 21, "Quando as pessoas não falam muito sobre, você meio que não sabe, então leva um tempo para você saber que é assexual".

A distância da assexualidade dificultou o processo de aceitação de Cláudia Cruz Machado. Na época, ela conhecia

TIPOS DE ATRAÇÃO

Enquanto a assexualidade é definida como a ausência de atração sexual, é necessário deixar claro que existem outros tipos de atração. A Asexual Visibility and Education Network (AVEN), classifica os tipos de atração como:

Sexual: atração sexual e vontade de agir sexualmente em relação a pessoas por quem se sente atraída

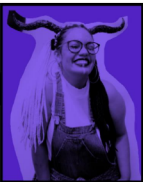
Romântica: desejo de estar em um relacionamento romântico

Estética: apreço pela aparência de outra pessoa

Sensual: desejo de interação sensual, mas não sexual, com as

pessoas pelas quais se sente atraída, interações sensuais envolvem coisas como abraços e beijos

Desse modo, ainda que uma pessoa seja definida como assexual, algumas pessoas se identificam de forma diferente entre os tipos de atração, por exemplo, uma pessoa pode ser assexual e aromântica, não apresentando desejo de envolver-se tanto sexualmente quanto romanticamente com outras pessoas, mas uma pessoa assexual pode, também, identificar-se como hetero, homo, bi, de acordo com sua atração romântica. **[V.V.C.]**



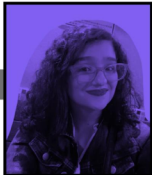
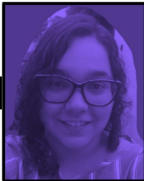
Ana Cristina Guerra
21 anos
Assexual e Aromântica



Foto: Arquivo Pessoal

Claudia Cruz Machado
24 anos
Assexual e Aromântica

Mayara Fidalgo Pereira de Barros
26 anos
Demisssexual e Demiromântica



Carolina Rodriguez Teixeira
27 anos
Demisssexual



Letícia Domelas
19 anos
Demisssexual

apenas uma pessoa – virtualmente – que se declarava assexual. Além disso, o estereótipo sobre assexualidade a influenciou, uma vez que “Eu sempre tive libido muito alta, então pensava ‘como sou assexual se eu tenho libido?’ Mas ela não é direcionada, então demorou um tempo. Foi meio uma tentativa de me encaixar na norma, eu procurava justificativas que me fizessem parte de um grupo maior de pessoas, mas era tudo furada, não foi dando certo”.

A aceitação da assexualidade para Machado veio da impossibilidade de continuar fingindo, “Percebi que não tinha como fugir disso mais, eu tinha

que me aceitar porque não tinha outra forma, não tinha como continuar vivendo desse jeito, tentando me encaixar em uma coisa que não era real”.

Ana Cristina Guerra, que se identifica como aromântica, assexual – devido à forte atração estética e sensorial que sente por pessoas de ambos os sexos, ela considera mais fácil dizer que é bi para a maioria das pessoas – também teve um lento processo de aceitação. Embora não acreditasse que a assexualidade influenciava negativamente outras pessoas, quando relacionado à ela passava a associar com solidão e ausência da experiência de amor. “Ao

passado comecei a ficar mais confortável com o fato de que não sinto essas coisas e tudo bem não sentir essas coisas, eu amo pessoas de outras formas e se eu nunca experienciar amor romântico para mim tudo bem. Gostaria? Sim, mas se não rolar suave, tenho amor de outras formas na minha vida”.

Para Mayara Fidalgo Pereira de Barros, 26, a aceitação da demisssexualidade veio logo que teve contato com o termo. “Até encontrar o termo e ter um nome para falar das minhas experiências eu era a estranha do grupo que não entendia as pladas que as pessoas estavam fazendo e quando

perguntavam se eu gostava de alguém, eu inventava... Até o ensino médio eu efetivamente inventava. Só fui perceber que inventava depois de me descobrir demisssexual, porque antes me convenia mesmo de que gostava das pessoas. Mas falava que gostava de alguém só para me encaixar”, conta.

No caso de Carolina Rodriguez Teixeira, 27, a possibilidade de não sentir atração sexual nunca lhe tinha ocorrido, ela acreditava que apenas romantizava demais o sexo. “Pensava que não tinha encontrado a pessoa certa. Mas nos meus 24 anos eu tinha um grupo de amigas que já conheciam os termos e uma delas

A bandeira assexual é formada pelas cores preto, cinza, branco e roxo, que representam, respectivamente, assexualidade, gray-assexual, allossexuais e a comunidade assexual

soltou aro-ace em uma das conversas. Perguntei o que significava e fui atrás, pesquisei, li sobre e aí descobri que me encaixava naquilo. Sou demissexual e está tudo bem”.

“Eu ficava sem saber se era realmente assexual, se estava me reprimindo por alguma coisa ou se eu só não tinha tido algum tipo de oportunidade de ficar com alguém”, conta Letícia Dornelas, 19, demissexual e biromântica. Ela teve seu primeiro contato com o termo demissexualidade aos 15 anos, mas apesar de ter adotado o termo demissexual alguns meses depois, só ficou realmente confortável com a identificação quando entrou na faculdade. “Eu conheci muita gente e tive a oportunidade de ver que não estou me reprimindo, estou fazendo as coisas do jeito que queria fazer e continuo não sentindo atração sexual por outras pessoas”, explica Dornelas.

ASSEXUALIDADE NÃO É CELIBATO, NEM PATOLOGIA - “Celibato, abstinência, frigidez (nas mulheres), desejo hipotativo... Existem muitas formas de interpretar a assexualidade e de tentar enquadrá-la”, explica Rita Alcaire. Isso acontece porque vivemos em uma sociedade onde a atração sexual é compreendida como norma. Essa interpretação faz com que a assexualidade seja muitas vezes vista como escolha.

Letícia Dornelas conta que sua demora para compreender que era demissexual estava relacionada à religião. Ela tinha receio de estar confundindo com uma repressão gerada por alguma expectativa religiosa de ter que se guardar sexualmente. “Na época em que eu conheci o termo eu participava de igreja, essas coisas, ficava pensando ‘nossa será que estou me reprimindo em algum aspec-

to?’, mas aí descobri que não”, relembra.

Apesar de ser comum a associação de aspectos religiosos celibatários com a assexualidade, Alcaire explica que “A crença mais generalizada é a de que se trata de uma questão patológica, consequentemente dando total autoridade aos profissionais de saúde para impor diagnóstico e tratamento. Os danos do ‘não sexo’ são então comercializados pelas indústrias de terapia de sexo e farmacêutica como curáveis”.

Mayara de Barros teve contato com essa visão medicalizada. Sua irmã mais nova é estudante de medicina e teve dificuldade em compreender principalmente a questão do demiromantismo e do aromantismo. Barros disse que a reação da irmã foi dizer “Pode ser problema

de hormônio, podem ser várias coisas, você tem que ir no médico ver isso”. A falta de conhecimento sobre o espectro assexual pode gerar reações como essas. Nesse caso Barros explica que não se tratava de preconceito. “Eu sei que foi porque ela estava preocupada, não porque ela tem preconceito. É só porque ela não entende e isso gera uma preocupação, entendo isso, mas é chato, aí só não conversei mais”.

A não aceitação da assexualidade como uma orientação sexual válida é parte da visão de uma sociedade que é sexualmente liberal, mas não sexualmente libertada. “Vivemos sob a falsa ideia de que estamos a tirar partido de um momento pós revolução sexual e, consequentemente, de total liberdade em que cada pessoa pode viver o

tipo de sexualidade, família, relacionamento, parentalidade que desejar”, conta Alcaire. Porém ela relembra que “Se fosse uma sociedade sexualmente liberada, todas as possibilidades de sexualidade seriam consideradas identidades e possibilidades sexuais válidas”.

O estudo de doutorado de Alcaire é um dos que buscam auxiliar a transformar essa realidade. “Fazer investigação sobre a assexualidade em Portugal é também uma oportunidade para

abordar as lutas pela dignidade e reconhecimento com que os indivíduos assexuais lidam, a importância da existência de pessoas assexuais nas comunidades LGBTQI+, conhecer o seu ativismo, e lançar luz sobre as suas narrativas, contribuindo para que suas vozes sejam considera-

das sempre que novas políticas sociais relevantes sejam introduzidas ou discutidas, ou as existentes sejam repensadas”, conta.

UMA PAUTA FEMINISTA - “A liberdade sexual e os direitos humanos não podem ser verdadeiramente cumpridos até que cada pessoa esteja livre para ser (alo)sexual ou não. Assexuais (e o ativismo assexual) vislumbram um mundo onde as pessoas sejam livres para explorar sua sexualidade em seus próprios termos e no seu próprio tempo, independentemente de se sentirem atraídas ou não por alguém”, explica Alcaire. Assim, a aceitação da assexualidade é vista como uma luta essencialmente feminista, uma vez que a liberdade sexual é uma das pautas essenciais para o feminismo.

“uma sociedade que é sexualmente liberal, não sexualmente libertada”



Rita Alcaire
Pesquisadora da Universidade
de Coimbra



Angela Silva Leonardo
Integrante do Coletivo Feminista
Marxista Marielle Franco

Embora o feminismo “sex-positive” seja contrário ao julgamento do outro “pela sua orientação sexual, comportamento, identidade ou expressão de gênero”, Alcaire relata que “Tanto na comunidade assexual em geral, como nos testemunhos de alguns/algumas participantes da minha investigação de doutoramento, encontrei críticas ao feminismo sex-positive e a alguns espaços associados a esta corrente (on-line e off-line) como desconsiderando os assexuais e a assexualidade”.

EXPECTATIVAS SOCIAIS DIFERENTES: UM RECORTE DE COR - Todas as mulheres sofrem opressões. Angela Silva Leonardo, integrante do Coletivo Feminista Marxista Marielle Franco, ressalta a importância de compreender que “a opressão da mulher branca é diferente da opressão da mulher negra periférica, da mulher trans, da mulher lésbica”.

As expectativas sociais de comportamento da mulher são muito diferentes entre mulheres brancas e negras. “A mulher negra é oprimida tanto pela sociedade, quanto por outras mulheres e também em casa pela vivência e pelo coletivo onde ela está”, explica Silva. Compreender essas diferenças é necessário para compreender a violência histórica contra a mulher negra.

A exposição e sexualização do corpo da mulher negra são resultantes do processo histórico racista que foi construído. “A gente ouve até hoje o pessoal falar ‘a mulher tal é por prazer, a mulher tal é para o casamento’, então tem essa divisão que vem historicamente. O corpo da mulher preta é por prazer, então a mulher branca tem que ser casta, tem que ser pura e é moldada para isso” explicou Silva.

Para Ana Cristina Guerra o fator racial foi agravante em sua dificuldade no processo de aceitação da própria assexualidade. Sendo uma mulher negra, as expectativas sociais criadas pelo estereótipo racista se somaram ao “Fato de você ser uma pessoa que não sente atração sexual e, no meu caso específico, não ter a libido tão alta assim. É um pouco complexo e um pouco conflitante, porque você passa sua vida inteira ouvindo que você deve ser uma coisa e você é uma coisa completamente oposta a aquilo”.

Guerra ressalta ainda que as expectativas sociais de uma mulher negra hiperssexualizada também não são verdadeiras “Caso de muitas mulheres negras alo que eu conheço”. O que configura outra forma de violência simbólica contra as mulheres negras, uma vez que “Se você não é o que eles querem que você seja, você vai sempre ser a pessoa que está deslocada... O que você é se não um estereótipo? Sabe. Se você não serve para ser esse estereótipo, você não serve para mais nada”, relata Guerra.

EXISTEM ASSEXUAIS QUE SE APAIXONAM, MAS NÃO TODOS - No ensino médio, Mayara de Barros ainda não conhecia o termo demisssexual. Nesse momento, ela já se encontrava em um relacionamento romântico, com seu namorado atual, mas estava tendo problemas no relacionamento, “Ele é bem alossexual e eu estava meio sem saber porque que eu estava tão travada”.

Ela não conseguia entender o que estava acontecendo, “nesse ponto eu já estava atraída romanticamente por ele, mas ainda não sexualmente”. Sem conhecer a possibilidade de ser demisssexual, “a gente conversava e não ia a lugar nenhum porque eu não sabia o que estava acontecendo”, relembra.

Assim a invisibilidade da demisssexualidade, foi parte do problema para a formação do relacionamento deles. A partir do momento em que Barros

conheceu o termo demisssexualidade foi mais fácil conversar, “quando eu achei o termo ele foi a primeira pessoa para quem eu falei e a gente começou a conversar mais ainda para resolver esses problemas que a gente estava tendo”.

Entretanto, nem sempre as pessoas têm facilidade em entender a possibilidade de uma pessoa demisssexual estar envolvida em um relacionamento romântico, como foi o caso dos pais de Barros, “para os meus pais não faz sentido, não encaixa, eu acho que eles aceitaram, mas não entenderam”.

Claudia Cruz Machado, chama atenção para a importância de não generalizar “Muitas vezes quando as pessoas explicam assexualidade elas falam ‘pessoas assexuais também se apaixonam’ Uau, mas não eu. Então as pessoas às vezes fazem um recorte meio errado. É uma coisa que sempre foi mais fácil para mim de entender foi essa questão aromântica porque fez sentido mais rápido”.

Com 15 anos, antes de ter ouvido o termo aromântica, Machado estava

*“Se você não
serve para ser
esse estereótipo,
você não serve
para mais nada”*



A carta A do baralho, em inglês chamada "ace", é usada como um símbolo assexual

fazendo terapia, quando teve seu primeiro confronto com a psicóloga, devido ao seu desinteresse amoroso "Ela ficou tipo 'Como assim? Porque eu tenho a teoria de que todas as pessoas têm que ter isso desenvolvido, porque se não para onde você está canalizando sua energia sexual?' Eu fiquei 'gente estou fazendo 16 anos, o que eu estou fazendo aqui'. Foi muito incômodo".

O MUNDO NÃO É UMA COMÉDIA ROMÂNTICA DE HOLLYWOOD - Essa pressão social para o desenvolvimento de relacionamentos românticos, faz com que a maioria das pessoas crie a expectativa de que uma história de amor como a das comédias românticas aconteça em sua vida pessoal. Machado conta que por muito tempo quando desenvolvia uma amizade mais intensa pensava "Será que é agora que vai acontecer?". Tendo criado em sua mente o modelo de pessoa por quem se apaixonaria, Machado conheceu alguém que se encaixava em todas as características, mas "Eu ainda não estava apaixonada. Foi uma pessoa que eu amava muito, mas não era romance. Então eu pensei pronto, não tem pessoa no mundo que vai preencher esse espaço para mim, porque não tem esse espaço, já está preenchido com outras coisas".

Carolina conta que muitos de seus amigos e familiares esperam que ela se envolva em relacionamentos românticos, principalmente por ser mulher. Ideias reforçadas pela sociedade e por produtos culturais. "Quando eu era pequena, sempre assisti muitos filme de princesas, até hoje adoro, mas pensava que iria crescer e ser salva pelo meu príncipe", ela explicou ainda o papel da pressão social em sua saúde mental "Esse foi um dos motivos pelos quais

eu adquiri alguns transtornos psicológicos, como a depressão. Minha autoestima também era horrível, pautada na frase 'ele nunca vai me querer'".

Ana Cristina Guerra disse que nunca sentiu as pressões sobre relacionamentos românticos de forma muito forte. Contudo, o fato de essas expectativas criadas socialmente envolverem atração sexual ou romântica, fizeram com que existissem dúvidas em sua cabeça. "Sinto que nunca vou ser capaz de ser recíproca com uma pessoa no mesmo nível e você é levado a acreditar nisso firmemente (pela sociedade), eu estou desconstruindo esse pensamento agora. Levemente, mas estou", comenta.

MAS É CLARO, TEMOS A INTERNET - A Internet representa para a assexualidade um papel importante. Durante as entrevistas, as referências a redes sociais como fonte de informação ou espaço de socialização foram presença quase constante. Essa perspectiva foi confirmada pela experiência de Rita Alcaire, "Há uma brincadeira que se costuma fazer que é muito certeira: a Internet é a melhor amiga da assexualidade". Foi a internet que possibilitou a organização do movimento assexual e a construção do conceito e é ela uma das principais formas de contato com informações sobre a assexualidade, onde pessoas assexuais costumam encontrar outras pessoas que têm experiências e sentimentos parecidos.

"Se não fosse a internet, eu não sei o que eu ia estar fazendo da minha vida agora. Realmente, eu não sei onde estaria o meu entendimento", comenta Claudia Cruz Machado.

A internet funciona, ainda, como um espaço expositivo, o qual permite que pessoas com as quais não se tem muita

intimidade tenham acesso a informações pessoais. Essa outra face dos ambientes virtuais fez com que Machado demorasse para postar algo referente a sua sexualidade no Facebook.

Diferente de redes sociais como Twitter e Tumblr, a grande presença de conhecidos entre os amigos do Facebook torna esse espaço mais público. Essas características fizeram com que Machado sentisse que era "Como se você estivesse falando para o mundo que está ok todo mundo saber disso a partir de agora".

Por esse motivo, ela só postou algo depois de conseguir o apoio de sua mãe. Quando soube da vontade de Machado de fazer essa publicação, ela pediu para que pensasse bem, mas chegou em um momento em que "Ela falou 'não, eu acho que você tem de ir lá e falar mesmo porque não é bom ficar vivendo assim, você está muito ansiosa, muito nervosa. Então vai lá, fala e se as pessoas não gostarem, você não precisa ficar perto delas também' eu fiquei emocionada, foi um momento muito importante para mim", relembra.

SAIBA MAIS - sobreocinza.wordpress.com - blog escrito por uma mulher demisssexual com suas opiniões e perspectivas.

theasexual.com - plataforma independente, the asexual é um espaço para publicação de textos de escritores assexuais, agender e/ou aromânticos. Fundado em outubro de 2016, por Michael Paramo, The Asexual publica uma revista trimestral em seu site.

<https://www.asexuality.org/> - The Asexual Visibility and Education Network (AVEN) é a maior comunidade assexual da internet e possui diversos arquivos de pesquisas.